

Você sabe o que é gaslighting?

A equipe de Celina organizou um glossário com termos e expressões ligados às questões de gênero e diversidade para esclarecer seus significados

[\(O Globo, 11/03/2019 - acesse no site de origem\)](#)

Diga a verdade: você sabe o que é feminismo? E que esse movimento tem diversas vertentes? Talvez ainda não tenha ouvido a expressão slutshaming ou tenha dúvidas sobre as palavras que formam a sigla LGBTQ+. Isso é absolutamente normal. Movimentos sociais e políticos sempre se renovam e, por isso, seu vocabulário é constantemente atualizado. É importante entender os termos que explicam as questões de gênero e diversidade. Por isso, a equipe de Celina reuniu o glossário abaixo, organizado em ordem alfabética, que será sempre enriquecido com novas expressões.

Mas vamos ao gaslighting. Você sabe o que é?

É a violência psicológica que ocorre quando um homem tenta desqualificar a fala de uma mulher alegando que ela está “maluca”, distorcendo, omitindo ou inventando fatos. Geralmente, as vítimas de gaslighting costumam duvidar da própria palavra quando são submetidas a esse comportamento a longo prazo.

Quer saber mais? Dê um scroll para conhecer o significado de outros termos ligados às questões de gênero e diversidade.

Body-shaming

Fazer com que alguém tenha vergonha do próprio corpo.

Bropriating

Quando um homem se apropria de argumentos de mulheres sem dar o devido crédito.

Cisgênero

Pessoa que se identifica com o sexo biológico, ou seja, com a genital que nasceu. Pessoas cisgênero estão em conformidade com a genital que

nasceram.

Cultura do estupro

Presente no imaginário social, consiste na naturalização/diminuição de casos assédio e violência sexual contra mulheres. Pode-se observar a cultura do estupro em argumentos que culpabilizam vítimas deste tipo de violência ou neutralizam assédio associando à natureza masculina.

Empoderamento

Termo muito utilizado entre as feministas, está ligado ao autoconhecimento e ao reconhecimento do poder das mulheres coletiva e individualmente. Desta forma, está relacionado à conscientização das mulheres e também à construção da autoestima da mulher, como indivíduo e como movimento político dentro da sociedade.

Equidade

Reconhecimento das diferenças e adaptação dos métodos e políticas vigentes para neutralizar as diferenças.

Femicídio

Nome dado ao homicídio quando motivado exclusivamente pelo gênero da vítima, ou seja, quando uma mulher é morta exclusivamente por ser mulher. Se o assassinato de uma mulher ocorre em decorrência de um assalto, não configura femicídio.

Feminismo

Movimento social e político que busca equidade de gênero, baseado na libertação da subordinação ao patriarcado e no fim das gênero-normatividades. Os primeiros movimentos de reivindicação de igualdade entre homens e mulheres da modernidade começaram na Europa do século XIX, após a Revolução Francesa, com a exigência que os direitos conquistados para homens também contemplassem as mulheres na França. No Brasil, o movimento surgiu em meados do século XIX, como um reflexo da não-inclusão de mulheres na Constituição de 1889. Os primeiros direitos

conquistados pelas mulheres vieram a partir de 1934, com a conquista do direito ao voto e à representação política. Na década de 1960, o feminismo ganhou força em todo mundo com a chegada do anticoncepcional e o acesso às universidades.

Feminismo interseccional

É uma vertente do feminismo que realiza recortes de gênero, raça, etnia classe social, orientação e identidade sexual, pois acredita que diferentes contextos sociais determinam que tipo de opressão uma mulher sofre na sociedade.

Feminismo liberal

Esta vertente defende a liberdade de escolhas individuais das mulheres para buscar a igualdade com o gênero masculino. Esta abordagem valoriza o tratamento social dado às mulheres e em questões comportamentais, deixando em segundo plano questões ligadas diretamente ao gênero.

Feminismo marxista

É a vertente do feminismo que estuda as opressões sofrida pelas mulheres sob a ótica do capitalismo e da propriedade privada.

Feminismo negro

Vertente do feminismo que atrela a luta antirracista ao combate às opressões de gênero. Enquanto o feminismo ganhou força no Brasil durante a luta de mulheres de classe média e da elite pelo direito à educação e voto, mulheres negras já trabalhavam compulsoriamente como escravas e serventes domésticas, sendo a elas negado o direito de constituir uma família por terem que se dedicar integralmente à serventia de famílias brancas, dentro de sistema de exploração baseado no racismo.

Feminismo radical

Vertente do feminismo que acredita no abolicionismo de gênero. Ou seja, o fim da socialização imposta que as pessoas recebem ao nascerem homem ou

mulher.

Gaslighting

Violência psicológica que ocorre quando um homem tenta desqualificar a fala de uma mulher alegando que ela está “maluca”, distorcendo, omitindo ou inventando fatos. Geralmente, vítimas de gaslighting costumam duvidar da própria palavra quando são submetidas a esse comportamento a longo prazo.

Heteronormatividade

Conceito que exclui ou considera fora do padrão todas as relações que não sejam heteronormativas, ou seja, que não envolva a concepção de um casal formado por um homem e uma mulher.

Homofobia

Preconceito contra pessoas que fazem parte da comunidade LGBT. Atualmente, para tratar do preconceito pessoas que fogem da heteronormatividade também é usado o termo LGBTfobia.

Intersexual

Pessoas que não podem ser totalmente designadas como homem ou mulher por características biológicas, sejam cromossomos ou genital. Intersexuais já foram identificados como hermafroditas, termo que não é mais utilizado hoje em dia.

LGBTQ+

Sigla usada para a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, e Queer, que abriga outras definições, como Intersexual e Assexual

Lugar de fala

Posição socioeconômica que permite que uma pessoa tenha propriedade para falar sobre determinado assunto por conta de suas experiências pessoais ou vivência. Por exemplo, um homem não teria lugar de fala para argumentar sobre feminismo, assim como uma pessoa branca não poderia ser um

personagem de uma discussão sobre racismo.

Machismo

Estrutura de opressão que privilegia os homens, colocando-os em posição de superioridade às mulheres. O machismo estrutural é o mecanismo utilizado na sociedade para a manutenção desta relação, mantendo diferenças sociais, desvalorização da figura feminina e naturalização de situações de assédio, opressão social e sexual, além de disparidades profissionais.

Mansplaning

Nome dado ao ato de homens se sentirem sempre aptos a explicar melhor algo que já foi dito anteriormente por uma mulher. Outra forma de mansplaning é um homem utilizar de tom condescendente ao explicar um tema a uma mulher, utilizando um discurso paternalista, mesmo que as mulheres saibam mais sobre determinado assunto.

Manterrupting

O ato de homens interromperem mulheres, não deixando que elas concluam alguma ideia ou argumento. É comum tanto em conversas individuais quanto em meios coletivos.

Misoginia

Desprezo a pessoas do sexo feminino, que pode ser manifestado através do ódio, repulsa ou preconceito com tudo que seja ligado diretamente a mulheres. A objetificação sexual também é uma forma comum de misoginia.

Não-binário

Pessoa que não se identifica com o gênero feminino ou masculino.

Papel de gênero

A imposição de comportamentos baseado no sexo de nascimento. A imposição social de que homens têm que trabalhar e mulheres cuidam da casa e dos filhos são imposições da sociedade que não estão ligadas à uma questão biológica, mas comportamental, ou seja, são papéis de

gênero.

Patriarcado

Sistema de dominação existente pautado na exploração da mulher pelo homem. Esta dominação é feita através de convenções sociais que privilegiam homens em detrimento às mulheres no mercado de trabalho e nas posições ocupadas na sociedade.

Pornografia de revanche

Do inglês “revenge porn”, é o vazamento de fotos ou vídeos íntimos após o término de um relacionamento, geralmente utilizado para expor o parceiro ou utilizar como ferramenta de chantagem. Mulheres vítimas da pornografia de revanche costumam também serem vítimas de slutshaming.

Queer

Termo utilizado para designar pessoas que não se encaixam no sistema binário de gênero (masculino e feminino), abrangendo outras terminações, tais como transexual, travesti e drag queen. No entanto, o termo também é utilizado para se referir a qualquer pessoa que não é heterossexual, sendo utilizado muitas vezes como um sinônimo para a sigla LGBT.

Sororidade

Sistema de apoio mútuo entre mulheres para lutar contra o sistema de dominação patriarcal. Esta ideia foi criada para desconstruir a ideia de que a rivalidade feminina seja algo natural entre as mulheres.

Stealthing

Quando um homem retira o preservativo durante a relação sexual sem o conhecimento da parceira.

Slutshaming

O ato de constranger mulheres pela sua vida sexual. Essa prática é exercida através de xingamentos como “vadia” ou similares que tenha conotação sexual.

Transfobia

Preconceito/intolerância contra pessoas que se identificam como transgêneros e transexuais.

Transgênero

Pessoa que não se identifica com o sexo biológico, ou seja, com a genital que nasceu. Pessoas transgênero não estão em conformidade com a genital que nasceram.

Naíse Domingues

Você sabe o que é gaslighting?

É uma forma de abuso psicológico em que informações são omitidas, distorcidas ou inventadas para fazer a vítima duvidar de seus sentimentos

[\(Claudia, 19/02/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Sabe aquela cena clássica em que o marido, mesmo tendo sua traição descoberta, diz à esposa que ela está vendo coisas onde não tem? Pois essa atitude hoje atende pelo nome de gaslighting, termo tomado emprestado do filme americano [Gaslight](#), de 1944. No roteiro, um homem, entre outras táticas para abalar e confundir, apaga e acende as luzes da casa tentando levar a esposa a pensar que enlouqueceu.

Isso porque ele descobre que ficará com a fortuna da mulher se ela for internada como doente mental. “Essa é uma forma de [abuso psicológico](#) em que informações são omitidas, distorcidas ou inventadas para fazer a vítima duvidar de seus sentimentos, suas percepções e, em alguns casos, como no filme, até de sua sanidade”, define a psicóloga Julia Maria Alves, orientadora profissional e de carreira em São Paulo.

A psicanalista **Simone Demolinari**, de Belo Horizonte, completa alertando que, se a prática abusiva era inicialmente mais observada no contexto amoroso, agora está em todas as áreas da vida. “Vemos na família, nas amizades, no ambiente de trabalho”, diz. “Gosto de definir como um crime psicológico, em que uma pessoa faz com que a outra pense não estar com a razão justamente quando ela tem certeza absoluta de algo.”

Originalmente, segundo a psicanalista mineira, as vítimas eram as mulheres. Até hoje, o cenário não mudou quase nada. A professora **Valeska Zanello**, doutora e pesquisadora de saúde mental e gênero na Universidade de Brasília, afirma que não dá para comparar o volume de gaslighting que eles e elas sofrem. “Existe na nossa sociedade uma hierarquia com domínio bem masculino, e, nesse jogo de poder, os homens são mais encorajados a fazer gaslighting contra as mulheres, entre outras formas de violência”, explica Valeska. O pior é que essa prática costuma ser particularmente danosa para elas.

“Existe na sociedade uma hierarquia com domínio bem masculino, e os homens são mais encorajados a fazer gaslighting contra as mulheres”, Valeska zanello, pesquisadora.

A publicitária paulistana **Lorena***, 34 anos, sofreu bastante nas mãos de um chefe. Na empresa em que trabalhava, havia uma política de verificação periódica de desempenho, com bonificação para os melhores colocados. Lorena foi contemplada duas vezes seguidas. Estava satisfeita até descobrir que um colega que ocupava um cargo idêntico ganhava mais e trabalhava menos horas.

“Fui conversar com meu superior, mas, para minha surpresa, ele alegou que eu não era tão competente quanto meu colega. Como assim, se a própria empresa reconhecia meu talento nos feedbacks regulares?”, lembra, indignada. Segundo ela, o chefe desfiou uma série de argumentos, todos falsos, como o de que o colega tinha mais experiência e mais afazeres do que ela, o que justificava os reais a mais dele. “Quando discordei, ele disse que eu era ambiciosa demais e deveria tomar cuidado com isso para não prejudicar minha carreira”, conta. “Tinha ido conversar cheia de razão, mas deixei a mesa do chefe achando que meu pedido não fazia tanto sentido. Fiquei até

com a sensação de que estava sendo ingrata.”

A psicanalista Simone explica que o objetivo de quem comete o abuso é se favorecer - no caso de Lorena, a vantagem do chefe era não dar aumento a ela - ou, então, sair de uma situação desconfortável. “A pessoa que pratica gaslighting está, enfim, visando beneficiar-se às custas do desrespeito ao outro. Mas, se confrontada com a situação, não admite”, pontua Simone.

Ela recorda o caso de outro gestor que, cobrando hora extra dos subordinados, sempre afirmava que na véspera havia permanecido no escritório madrugada adentro, sendo que os funcionários sabiam que tinha ido embora por volta das 10 da noite. “Ele insistia em sua versão falsa até quando o viam entrando no carro. Dizia que eles o tinham confundido com outra pessoa ou que só havia ido pegar algo no veículo e voltado. É comum quem faz gaslighting não admitir as próprias mentiras e distorções da realidade, reafirmando sua versão dos fatos e defendendo seu ponto de vista até o fim”, afirma Simone.

“Eu me sentia um lixo”

O psicanalista paulistano **Jorge Forbes** lembra que ninguém gosta de ser desmascarado, mas que a insistência em desmentir os fatos, como no caso do chefe citado ou em situações envolvendo políticos que, embora tenham áudios vazados e sejam surpreendidos com malas de dinheiro, alegam inocência, pode indicar ausência de freios morais.

“Há quem, mesmo mentindo para não ser descoberto ou distorcendo os argumentos do outro, experimente um desconforto pelo que fez e prometa a si mesmo não repetir, ainda que reincida”, ele analisa. “Mas existe quem não tenha crise alguma de consciência e só esteja interessado em proteger a própria lógica, sem ouvir, sem se preocupar, sem se sentir mal.”

É difícil traçar um perfil exato do abusador nesses casos. “Embora não dê para generalizar, podemos falar em pessoas que têm muita dificuldade em admitir os próprios erros e, no fundo, possuem uma insegurança que as fazem diminuir o outro para se engrandecerem”, resume a psicóloga **Julia Maria**. Segundo ela, às vezes, elas podem até sentir prazer ao fazer o outro

de bobo.

“É mais fácil uma funcionária passar por situações de desempoderamento do que um funcionário, porque ele ocupa um lugar de privilégio, enquanto ela costuma ser mais questionada e, por isso, cai mais facilmente na armadilha de duvidar de si mesma”, opina Valeska. Ciladas para fazer a mulher hesitar, de fato, proliferam nas empresas. “Por exemplo, se ela se impõe ao receber uma cantada do chefe, é chamada de chata ou mal-amada. Se sobe na carreira, dizem que é porque transou com alguém. De tanto ouvir esse tipo de coisa, ela pode questionar seu mérito”, completa Valeska.

“Tinha ido conversar cheia de razão, mas deixei a mesa do chefe achando que meu pedido não fazia tanto sentido”, Lorena, publicitária.*

A verdade é que muito mais frases desabonadoras atingem as mulheres cotidianamente. Exemplo? “Você é sensível demais.” Há outras, como “Nossa, quanto escândalo por uma bobagem!” e “Cadê seu senso de humor?”. Talvez a mais famosa seja “Você está louca?”. As vítimas ficam com a autoconfiança abalada e podem desenvolver ansiedade e depressão.

Aline Costa, 28 anos, paulista de Hortolândia, lembra com sofrimento de quando trabalhava como assistente em uma escola para surdos e estava grávida pela segunda vez. Era uma gestação de alto risco, devido a um diagnóstico de pré-eclâmpsia que havia recebido na primeira gravidez. Sua pressão estava sempre alta. “Quando precisava sair para a emergência, minha chefe me ligava antes que chegasse ao hospital e me ameaçava dizendo que eu estava abandonando o trabalho, que não podia mesmo confiar em mim e que eu era incompetente”, relata.

Depois, quando teve pneumonia, Aline ficou uma semana afastada. A chefe voltou a atacar acusando-a de estar prejudicando o andamento pedagógico da escola. “Eu me sentia um lixo nessas horas, ficava confusa, me questionava”, conta. “Hoje parei de achar que o problema sou eu”, afirma Aline, já em outro emprego e após muita terapia.

Tentar o diálogo com o agressor é válido, mas nem sempre adianta. “Se a pessoa for sádica e sentir prazer em diminuir o outro, a conversa não será

produtiva”, previne a psicóloga Julia. Em empresas pequenas, muitas vezes não há a quem recorrer em casos assim, e a única saída é mudar de departamento ou de emprego. “Disseminar a existência dessa forma de violência é a melhor maneira de preveni-la”, acrescenta.

De acordo com Simone, dificilmente um chefe habituado a tratar os funcionários desse modo agirá assim apenas com uma pessoa. “Portanto, se você costuma sair confusa e triste das conversas, se sente que há algo errado, pode ser bom conversar com colegas para saber se outros estão passando por algo parecido e até avaliar a possibilidade de comunicar ao RH”, indica Simone.

Nesse aspecto, completa a especialista, sofrer gaslighting no trabalho pode ser mais delicado do que em outros ambientes. Vale tomar cuidado com aqueles que aproveitam para fazer fofocas e criar intrigas. “É diferente de quando acontece em uma relação de amizade. Mas há um lado bom. Quanto mais pessoas testemunharem, mais o time das vítimas sairá fortalecido e o agressor intimidado.”

Qualquer um está sujeito a sofrer gaslighting, não apenas “pessoas fracas”. “O problema é o agressor, que usa os pontos fracos dos outros para diminuí-los e manipulá-los”, diz Simone. “Nunca se deve culpar a vítima.” Valeska, aliás, orienta as mulheres a se unirem. “É importante se organizar e nunca se calar, pois fingir que não está vendo a violência pode causar grande impacto mental”, avalia. “Nos casos de violência de gênero, que as mulheres sofrem, é fundamental tirar do individual e coletivizar, no trabalho e fora dele.”

Fique de olho em outras violências de gênero

Maninterrupting

- A prática de interromper uma mulher quando ela está falando.

Bropropriating

- Levar os créditos por suas ideias.

Mansplaining

- Explicar algo de forma didática, como se ela não fosse capaz de entender.
-

‘Mansplaining’ e outras formas muito comuns de machismo no trabalho

No trabalho, quantas vezes você já foi interrompida por um colega ou pelo chefe? Já tentaram te explicar um assunto óbvio ou do qual você é a especialista? Suas ideias já foram roubadas? No meio de uma argumentação, perguntaram se você estava na TPM? Se você disse “sim” para ao menos uma dessas perguntas, já enfrentou o machismo corporativo.

[\(UOL, 22/08/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Apesar de reforçar as diferenças de gênero, nem sempre é fácil de identificá-lo no dia a dia. Naturalizado, ele se dá muitas vezes de maneira sutil no trabalho. Porém, se reproduz em larga escala e tem até nomes próprios: mansplaining, maninterrupting, bropropriating, gaslighting.

Jorgete Leite Lemos, diretora de Diversidade da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH-Brasil), diz que comportamentos machistas costumam ser conduzidos por alguns perfis específicos. “Normalmente, são homens que não foram ensinados a dividir tarefas com mulheres, que criticam colegas que ocupam posições vistas como exclusivamente masculinas, que acham que muitas facilitam o assédio”, conta. “É preciso rever esses valores e isso deve começar com quem está no comando das empresas.”

O que é a Teoria do Brilho?

A situação é tão comum que já chegou a afetar as mulheres da equipe de Barack Obama, durante os seus mandatos de presidente dos EUA. Cansadas de serem ora interrompidas, ora ignoradas, elas decidiram adotar a “Shine Theory” (Teoria do Brilho), uma estratégia de amplificação de vozes cunhada pela jornalista norte-americana Ann Friedman.

Na prática, consiste em promover uma aliança das mulheres no ambiente corporativo -a tão falada sororidade- para que consigam brilhar. E foi isso o que as assistentes da Casa Branca fizeram. Toda vez que uma colega se manifestava nas reuniões, a outra fazia questão de repetir suas sugestões e opiniões dando os devidos créditos à autora.

O resultado veio. No segundo mandato, os encontros oficiais contaram com uma maior presença feminina, assim como alguns dos cargos mais importantes do governo passaram a ser ocupados por elas. Susan Rice, por exemplo, assumiu o Conselho de Segurança, enquanto Penny Pritzker foi anunciada como secretária do Comércio.

A 80 anos da igualdade

“Segundo as previsões, a equidade no ambiente de trabalho ainda vai levar 80 anos para ser estabelecida. Ou seja, teremos mais duas gerações no comando”, conta Jorgete. “Por isso, não podemos ficar retraídas.

As mulheres podem e devem reivindicar sempre seus direitos, quanto a desempenho, atualização salarial e respeito profissional. E as empresas precisam ter um quadro de funcionários cada vez mais equilibrado. A mão de obra feminina agrega competência e talento à equipe.”

As 4 formas mais comuns de machismo no trabalho

1. Ouvir explicações óbvias ou “mansplaining”

O termo em inglês vem da junção entre “man” (homem) e “explaining” (explicar). E nada mais é do que quando o colega de trabalho tenta esclarecer questões óbvias ou ensinar algo sobre um assunto do qual você entende muito bem -às vezes, usando dados e fatos incorretos. O objetivo? Tratá-la com inferioridade.

2. Ser interrompida durante a fala ou “manterrupting”

É quando uma mulher, em uma reunião ou apresentação profissional, não consegue concluir sua fala em meio a tanta obstrução masculina. De tão comum, acabou virando até aplicativo de celular, batizado de “Woman Interrupted”. Por meio da frequência de voz, ele é capaz de identificar quantas vezes um homem corta a fala de uma mulher. “Afiml, do que adianta ter mais mulheres em uma sala de reunião se ninguém escuta o que elas têm a dizer?”, questiona Gal BARRARES, criadora da plataforma.

3. Ter ideias roubadas ou “bropropriating”

Quase como uma continuidade das duas situações anteriores, ela se dá quando o homem assume para si a palavra de uma colega silenciada e recebe todos os louros por ela. Exatamente por isso, a Diretora de Operações do Facebook e autora do livro “Faça Acontecer” (ed. Companhia das Letras) convida as mulheres a serem cada vez mais enfáticas e assertivas ao assumirem seus lugares em uma reunião de negócios.

4. Ser abusada emocionalmente ou “gaslighting”

“Está de TPM?”; “Você sempre dá piti”; “Cadê o seu senso de humor? Era só uma brincadeira”; “Para de ser louca.” Frases como essa são muito comuns quando o que está em jogo é a manipulação psicológica. O objetivo é só um: fazer todos pensarem que aquela funcionária não é capaz ou está fora de si. Como consequência, ela perde autonomia e autoridade.

Daniela Carasco

Cultura de violência sexista expõe mulheres a transtorno de

ansiedade, aponta estudo

(Exame, 11/06/2016) Em discussões políticas, no trabalho ou na família, é comum que as mulheres sejam chamadas de “loucas” - pelo menos com frequência que os homens.

Mas observar com seriedade a saúde mental feminina é algo raro, ainda mais sem cair no sexismo - e foi isso que um estudo da Universidade de Cambridge se propôs a fazer.

Analisando mais de mil artigos e pesquisas sobre ansiedade e depressão publicados desde 1999, eles chegaram a resultados assustadores: o transtorno de ansiedade é duas vezes mais comum nas mulheres do que nos homens.

E o número independe de qualquer outra questão, como a classe social, a etnia e a localização no globo.

Problemas psicológicos como depressão, bipolaridade e ansiedade não são incomuns. Na verdade, segundo a OMS, eles atingem 1 a cada 3 pessoas no mundo - e quando só o transtorno de ansiedade é considerado, o número vai para 4% da população global.

Entre as mulheres, 42% sofrem do transtorno, enquanto para os homens, o número cai quase pela metade: 29%.

Mas o que é o transtorno de ansiedade? A OMS o define como o sentimento constante de preocupação, de incapacidade e de medo.

Fisicamente, a pessoa pode ter náusea, taquicardia e problemas de sono, e, quando têm um ataque, podem nem conseguir sair de casa.

Esses sintomas ajudam a explicar por que é importante levar o gênero em conta na análise do transtorno de ansiedade: eles aparecem nas mulheres, segundo o estudo, porque elas permanecem constantemente em estado de alerta.

Para dar uma ideia, uma em cada cinco mulheres será estuprada ao longo de

sua vida, de acordo com a OMS - uma óbvia fonte de tensão para elas.

Além disso, das 50 milhões de pessoas que vivem em situações de conflito, 80% são mulheres e crianças.

Vítimas de violência doméstica, assédio sexual nas ruas, dentro de casa, no trabalho e nos transportes públicos também são, majoritariamente, mulheres.

Além disso, existe também a pressão criada pelos múltiplos papéis impostos à mulher - como a maternidade -, e a falta de apoio da família se elas, enfim, decidem começar um tratamento psicológico.

Frequentemente, explica o estudo, as mulheres sequer têm autonomia para compreender que o que estão sentindo é um transtorno de ansiedade.

Faz sentido, então, que elas desenvolvam duas vezes mais ansiedade do que os homens.

A conversa sobre doenças mentais é importante porque elas ainda são ignoradas, mesmo quando o objeto de estudo não é gênero. Estima-se que, no mundo inteiro, menos da metade das pessoas que buscam ajuda psicológica de fato a conseguem.

E os próprios pacientes são relutantes em procurar ajuda - só duas a cada cinco pessoas que sofrem de transtornos procuram auxílio psicológico.

Enquanto esse comportamento não mudar, a depressão e a ansiedade só continuarão a ganhar terreno. Entre as mulheres, mais ainda.

Acesse no site de origem: [Cultura de violência sexista expõe mulheres a transtorno de ansiedade, aponta estudo \(Exame, 11/06/2016\)](#)

A mente violentada, por Jessica Almeida

(Pampulha, 09/04/2016) Questionamento da sanidade de mulheres públicas levanta debate sobre gaslighting

Em meio à forte turbulência política que o país atravessa atualmente, uma nova discussão ganhou corpo nos últimos dias. O motivo foi a capa da revista “IstoÉ”, na edição do dia 1º de abril, que, sob a manchete “As explosões nervosas da presidente”, reportou supostos surtos de descontrole de Dilma Rousseff e colocou em xeque sua capacidade de governar. Muito questionada nas redes sociais, a matéria suscitou debates sobre a forma como mulheres que ocupam cargos de poder são retratadas nos meios de comunicação e como isso acaba reforçando uma prática de silenciamento chamada “gaslighting”.

O termo tem sido utilizado pelo movimento feminista nos últimos anos para designar um tipo de violência de gênero. Não que seja um problema exclusivo das relações entre homem e mulher, mas porque ganha contornos específicos graças ao machismo, como explica Júlia Dorigo, professora de psicologia do Centro Universitário Una. “Tem a ver com descreditar as ideias das mulheres atribuindo descontrole às reações emocionais que não correspondam ao que se espera delas, que são comportamentos de condescendência, gentileza, concordância, apaziguamento. Ou seja, quando temos atitudes de firmeza, assertividade, rigor, somos desconstruídas por afirmações como ‘deve estar na TPM’ ou ‘está louca’. A questão de gênero está na forma como a violência se configura”, diz.

O gaslighting opera no reforço de uma sociedade machista, como ressalta Bárbara Caldeira, pesquisadora do departamento de comunicação social da UFMG, que estuda as relações entre a comunicação e a violência contra a mulher. “Isso se dá na medida em que desqualifica mulheres ao construir a imagem de ‘loucas’, ‘fora de controle’, ‘histéricas’ e, portanto, incapazes de tomar decisões importantes ou de ter opiniões respeitadas por conta de uma suposta ‘fragilidade emocional’”, afirma. “Acontece o tempo todo em todos os

tipos de relacionamentos, sejam afetivos ou profissionais. E é, a meu ver, o caso da capa da 'IstoÉ' com a presidenta Dilma".

Em meio à forte turbulência política que o país atravessa atualmente, uma nova discussão ganhou corpo nos últimos dias. O motivo foi a capa da revista "IstoÉ", na edição do dia 1º de abril, que, sob a manchete "As explosões nervosas da presidente", reportou supostos surtos de descontrole de Dilma Rousseff e colocou em xeque sua capacidade de governar. Muito questionada nas redes sociais, a matéria suscitou debates sobre a forma como mulheres que ocupam cargos de poder são retratadas nos meios de comunicação e como isso acaba reforçando uma prática de silenciamento chamada "gaslighting".

O termo tem sido utilizado pelo movimento feminista nos últimos anos para designar um tipo de violência de gênero. Não que seja um problema exclusivo das relações entre homem e mulher, mas porque ganha contornos específicos graças ao machismo, como explica Júlia Dorigo, professora de psicologia do Centro Universitário Una. "Tem a ver com descreditar as ideias das mulheres atribuindo descontrole às reações emocionais que não correspondam ao que se espera delas, que são comportamentos de condescendência, gentileza, concordância, apaziguamento. Ou seja, quando temos atitudes de firmeza, assertividade, rigor, somos desconstruídas por afirmações como 'deve estar na TPM' ou 'está louca'. A questão de gênero está na forma como a violência se configura", diz.

O gaslighting opera no reforço de uma sociedade machista, como ressalta Bárbara Caldeira, pesquisadora do departamento de comunicação social da UFMG, que estuda as relações entre a comunicação e a violência contra a mulher. "Isso se dá na medida em que desqualifica mulheres ao construir a imagem de 'loucas', 'fora de controle', 'histéricas' e, portanto, incapazes de tomar decisões importantes ou de ter opiniões respeitadas por conta de uma suposta 'fragilidade emocional'", afirma. "Acontece o tempo todo em todos os tipos de relacionamentos, sejam afetivos ou profissionais. E é, a meu ver, o caso da capa da 'IstoÉ' com a presidenta Dilma".

De acordo com a pesquisadora, a "IstoÉ" lança mão do gaslighting ao exacerbar supostos comportamentos baseados em emoção descontrolada e

tenta frisar a hipotética incapacidade racional da governante. “É levar a crer que uma mulher enlouqueceu, ‘perdeu a razão’. O que a revista questiona, nesse caso, não é de fato a capacidade administrativa de Dilma para governar o país, mas sua sanidade, e esse é o princípio do gaslighting”.

Na medida em que uma publicação de circulação nacional reforça esse tipo de discurso, a professora de psicologia Júlia Dorigo acredita que ela legitima essa prática, inclusive quando acontece em âmbito pessoal. “É um ataque ao indivíduo e não à sua forma de governar. E mesmo que isso também tenha acontecido, por exemplo, com o Lula, que era chamado de bêbado, é algo que cola muito mais fácil quando se trata de uma mulher, porque a explosão nervosa, a loucura, é muito mais facilmente atribuída a nós”, afirma. “Toda vez que não agimos conforme as expectativas de gênero, com concordância, complacência, somos taxadas de loucas, de desequilibradas. Seja na presidência ou numa mesa de bar”.

Dois pesos, duas medidas

Os mesmos traços de comportamento, quando apresentados por homens, são percebidos como demonstrações de poder, confiança, autoridade, como observado pelo coletivo de mulheres Think Olga, em post posterior à publicação da revista, em sua página no Facebook. “O ex-técnico (sic) da seleção brasileira Dunga é conhecido por seu comportamento explosivo, mas quando o assunto foi capa da revista ‘Época’, a abordagem foi bem mais positiva: ‘O Dom da Fúria. O que nos faz perder o controle. E como usar a raiva a nosso favor’”.

A postagem, que até o fechamento desta edição contava com quase 30 mil curtidas e 27 mil compartilhamentos, também demonstra que esse não é um problema exclusivo do Brasil, ao compilar capas de publicações internacionais que deram o mesmo tratamento a mulheres como Hillary Clinton, Angela Merkel, Cristina Kirchner e Michelle Obama.

Ao longo da semana, a discussão ganhou mais combustível depois que Janaína Paschoal, conhecida como a advogada do impeachment, fez uma apresentação na Faculdade de Direito da USP, num ato de opositores ao governo Dilma. O discurso inflamado da jurista gerou para ela atribuições

semelhantes às que a revista imputou à presidente e ela foi chamada de louca, histérica e desequilibrada, inclusive por muita gente que se revoltou com a capa da “IstoÉ”.

Para Júlia Dorigo, o que vale pra uma, também vale para a outra. “Essa é a sutileza do machismo, que está presente de tal forma que a gente reproduz sem perceber. De repente, está todo mundo falando que ela é louca e ninguém está questionando o discurso que ela fez. Por mais que a cena a que assistimos tenha sido violenta, é preciso ouvir o que ela disse para, se for o caso, contestar e não deslegitimá-la chamando-a de louca”, argumenta.

No Face

A presidente Dilma Rousseff se manifestou na última quinta (7), em sua página no Facebook, em relação às suposições levantadas pela revista “IstoÉ”. Sem citar o nome da publicação, fez um texto em que aborda períodos difíceis que enfrentou e no qual reafirma seu controle emocional. E finalizou: “Quero dizer para vocês: eu não perco o controle, não perco o eixo, não perco a esperança porque eu sou mulher, é por isso, porque sou mulher. Não perco o controle porque me acostumei a lutar por mim e pelos que amo”.

Outras formas

Maninterrupting A palavra é uma junção de man (homem) e interrupting (interrupção). É quando a mulher não consegue concluir sua frase, porque é constantemente interrompida pelos homens ao redor. Exemplo: “‘Então, como eu ia dizendo...’, disse o homem suplantando a fala da mulher durante a reunião”.

Bropropriating Soma de bro (curto para brother, irmão, mano) e appropriating (apropriação). Acontece quando um homem se apropria da ideia de uma mulher e leva o crédito por ela. Exemplo: “‘É exatamente como eu tinha dito’, disse o homem à mulher durante uma apresentação”.

Mansplaining Junção de man (homem) e explaining (explicar). É quando um homem dedica seu tempo para explicar algo óbvio a uma mulher, como se ela não fosse capaz de compreender. Exemplo: “‘Deixa eu desenhar pra você, querida’, disse o homem à mulher numa conversa qualquer”. Também pode

servir para um homem explicar como a mulher está errada a respeito de algo sobre o qual tem certeza, ou apresentar “fatos” variados e incorretos sobre algo que ela conhece muito melhor, só para demonstrar conhecimento.

Peça de 1938 nomeou prática

De acordo com a psicanalista norte-americana Robin Stern, autora do livro “The Gaslight Effect: How to Spot and Survive the Hidden Manipulation Others Use to Control Your Life” (O Efeito Gaslight: Como Identificar e Sobreviver à Manipulação Oculta que os Outros Usam para Controlar sua Vida, em tradução livre), gaslighting é um desequilíbrio de poder muito familiar, ainda que sutil, um tipo de jogo em que o mais poderoso tenta definir a realidade do menos potente. Como resultado, a vítima passa a duvidar de si mesma porque permitiu à outra pessoa corroer seu julgamento.

A expressão tem origem na peça “Gas Light” (1938), do dramaturgo inglês Patrick Hamilton (1904-1962) adaptada posteriormente para o cinema duas vezes, uma na Inglaterra, em 1940, e outra nos Estados Unidos, em 1944, com a atriz Ingrid Bergman (1915-1982) no elenco.

Na trama, o marido de uma mulher muito rica bota um plano para roubar sua fortuna. Ele tenta convencê-la e a todos ao seu redor de que ela está louca, manipulando pequenos elementos do ambiente, como as lâmpadas de gás da casa, fazendo com que elas acendam e apaguem, e convencendo a mulher de que isso acontecia somente na sua imaginação.

Um problema de relações

Durante os últimos anos de um relacionamento, a publicitária Virgínia Manoel, 23, era frequentemente deixada falando sozinha, ou ouvia coisas como “você não sabe o que está falando”, “isso é coisa da sua cabeça”, “você está louca”. Acabou por descobrir que seu parceiro mantinha um relacionamento com outra mulher e, mesmo diante de comprovações, ele foi categórico em afirmar que ela estava insana. “Me lembro como se fosse hoje! Ele me dizia que não era possível estar em uma relação comigo, já que eu não confiava nele, que aquilo era loucura. Eu estava fraca, suava frio, por alguns instantes tive certeza de que desmaiaria, ali mesmo, no centro da

cidade. Eu tinha certeza do que estava falando, porém, não tinha forças para ir contra o que ele me dizia. O agressor sabe como controlar a vítima, principalmente em um momento de fraqueza, de vulnerabilidade. Foi então que ele me disse que não ia continuar ali, discutindo comigo. Muitas pessoas estavam olhando e eu tenho a certeza de que, para elas, eu era a 'louca ciumenta'. A sociedade, muitas vezes, engole a opressão, é conivente", conta.

Alguns dias depois, ao ter uma nova comprovação do caso mantido pelo então companheiro, Virgínia teve um surto psicótico, em decorrência de uma depressão até então não diagnosticada. Por causa disso, ela chegou a passar três dias inconsciente e precisou fazer uso de medicação por quase dois anos.

Casos como o dela demonstram que o gaslighting pode acabar, de fato, induzindo a transtornos mentais, como explica a professora de psicologia do Centro Universitário Una, Júlia Dorigo. "É uma prática assediadora e, como tal, pode causar uma doença. A exposição a repetidos questionamentos, uma forma de violência infligida repetidas vezes, de diversas maneiras, faz adoecer porque vai restringindo a capacidade do indivíduo de agir. E assim uma pessoa sem histórico nenhum de psicose começa a sofrer, em geral, transtornos de origem ansiosa, como síndrome do pânico", explica a professora.

Gaslighting profissional

Depois de enfrentar o abuso numa relação afetiva, Virgínia passou por uma situação análoga, dessa vez, no ambiente de trabalho, que também é um âmbito em que o gaslighting é praticado. "Uma de minhas experiências profissionais me levou à Justiça do Trabalho, depois que fui expulsa da empresa sob ameaça, por ter relatado minhas insatisfações e pedido meu desligamento", lembra. "O diretor sempre deixou muito claro que, se algo desse errado, a culpa seria minha, independente de quem estivesse envolvido. Ele mesmo burlava as regras e quando o problema se instaurava, jogava a responsabilidade para os funcionários. Na audiência jurídica, ele alegou que jamais me agrediu verbalmente e que eu tinha problemas pessoais que interferiam no meu trabalho. Segundo ele, algumas vezes agi de forma desequilibrada com clientes, o que nunca aconteceu. Usou a falsa afirmativa de que eu não sabia cumprir regras e agia como bem queria,

sendo uma profissional incompetente e que não cumpria prazos”.

Além de não se restringir aos relacionamentos afetivos, o gaslighting não se dá somente quando a sanidade da vítima é explicitamente contestada, mas sempre que suas convicções são minadas, como alerta a professora Júlia Dorigo. “Quando o homem determina o que ela deve ou não fazer, como sair com determinadas pessoas ou usar determinadas roupas, ou a faz se sentir mal por conta de alguma característica sua, como o peso ou a inteligência, fazendo a mulher duvidar de si mesma, também é gaslighting”, afirma. “A longo prazo, ele reduz muito a capacidade de reação, por conta do constrangimento. Aos poucos, ela começa assimilar as vontades ou determinações do parceiro como se fossem suas”.

No entanto, Júlia ressalta que, por ser um tipo de violência estrutural da sociedade, o qual reproduzimos sem perceber, esse não é um problema de indivíduos, mas de relações. “A pessoa que pratica o assédio, por vezes, não tem clara a dimensão do que está provocando no outro. Não necessariamente ela tem o intuito de provocar o mal. E a partir do momento em que a vítima se empodera, ela pode deixar isso claro e criar novas regras para o relacionamento, nós fazemos isso o tempo inteiro em nossas relações. Nem sempre é o caso de terminar o namoro, embora eventualmente seja”, diz.

Foi esse o caso de Sandra*, 31, que depois de muitos anos de gaslighting e sofrimento, conseguiu tornar a relação com o namorado saudável. “Na terapia, eu percebi que não havia delírio, nem paranoia. Notei que minha doença era aceitar aquela relação. A partir desse momento, disse: ‘não estou louca! Não sou vítima disso e preciso entender porque me permiti viver isso tudo. Sem me culpar, mas me responsabilizando pelo que escolho para minha vida’” conta.

“Voltei o namoro após um período de distanciamento, afirmando que deveria ser diferente e foi. É uma longa história, porque tem participação dele, mas brevemente digo que ele percebeu que o que fez por anos foi cruel e por insegurança. Era mais fácil me colocar pra baixo para me manter perto dele. Foi uma transformação para ele quando eu comecei a agir diferente, por exemplo, não me importando com as críticas destrutivas. Mudei minha postura comigo, comecei a fazer coisas que eu gostava e a conviver com

outras pessoas. Comecei a praticar yoga e meditar. Acabamos terminando, por outras razões, mas hoje somos amigos”.

(*)Nome trocado para preservar a identidade

O GASLIGHTING PAUTA O POP

Humor O grupo Porta dos Fundos, famoso por seus vídeos no YouTube, ilustrou claramente como funciona o gaslighting no esquete “Flagra”, de 2014. Uma mulher flagra o marido com a amante na cama. Para se safar, ele acusa a mulher de louca e arma situação para fazê-la acreditar que foi ela quem traiu o marido

Celebridade A cantora Rihanna escreveu em seu perfil no Twitter: “Nunca subestime a habilidade de um homem de te fazer sentir culpada por um erro dele”. Em 2009, Rihanna foi agredida pelo ex-namorado, o cantor Chris Brown. Ele foi condenado a cinco anos em liberdade condicional e 180 horas de serviços comunitários

Música Um dos maiores hits de 2012, a música “Somebody That I Used To Know”, do cantor Gotye, tem versos que relatam situação de gaslighting no trecho que tem participação especial da cantora Kimbra: “Eu penso em todas as vezes que você me avacalhou, mas me fez acreditar que sempre foi alguma coisa que eu fiz”

TV Jessica Jones, heroína dos quadrinhos que ganhou uma série na Netflix, vive uma relação abusiva com o vilão Kilgrave na versão adaptada para as telas. São muitas as situações em que Kilgrave deliberadamente manipula Jessica para fazer a protagonista questionar suas próprias certezas

Acesse no site de origem: [*A mente violentada, por Jessica Almeida \(Pampulha, 09/04/2016\)*](#)

Por que chamar Dilma e Janaína de ‘loucas’ é um retrocesso para as mulheres, por Aline Ramos

(HuffPost Brasil, 06/04/2016) Em um país de cultura predominantemente machista, é difícil acreditar que o tratamento dado a uma mulher no campo da política seja equivalente a abordagem que um homem recebe. A participação das mulheres tem crescido, porém, a passos curtos. E isso tem refletido na forma que a sociedade e imprensa julga e avalia episódios da política nacional.

Os movimentos feministas contemporâneos têm ganhado força nos partidos políticos, na mídia, na internet e nos almoços dominicais como uma questão política importante. Porém, nas últimas semanas ficou evidente como tem sido disputado por interesses particulares de indivíduos ou organizações.

Para compreendermos este assunto é preciso recorrer a dois exemplos recentes: a campanha #IstoéMachismo e os comentários e cobertura em torno do discurso da advogada Janaína Paschoal.

No último final de semana a revista IstoÉ apresentou uma reportagem de capa em que relata que a presidente Dilma Rousseff “está fora de si” e com “problemas emocionais”.

O objetivo da revista é claro: retratá-la como louca e desmerecê-la pessoal e profissionalmente. Essa é uma prática recorrente na nossa sociedade, afinal, qual mulher não foi chamada de louca e teve sua sanidade questionada?

Porém, na atual conjuntura política, é possível observar como o machismo é usado como estratégia política, afinal, há uma tentativa de convencer a população de que Dilma não está apta para governar o país por ser pouco confiável e apresentar problemas psicológicos. Em resposta, coletivos, partidos, militantes e ativistas feministas mobilizaram-se em torno da hashtag #IstoéMachismo para denunciar a atitude da revista.

Dilma deve e pode ser questionada, porém, não apresenta motivos para que suas faculdades mentais também sejam. O mesmo vale para a jurista Janaína Paschoal, que após um discurso inflamado no Largo São Francisco durante um ato pró-impeachment passou a ser retratada como louca e desequilibrada pelos mesmos portais de notícias que anteriormente denunciaram o machismo da revista IstoÉ.

Janaína fez um discurso repleto de figuras de linguagem, com muito vigor, energia e emoção, rodou uma bandeira do Brasil e elevou a voz, semelhante ao que muitos políticos fazem. O seu discurso é um prato cheio para críticas e colocações contrárias, afinal, não apresenta argumentos, mas tudo o que seus opositores conseguiram fazer foi chamá-la de louca e desequilibrada.

A questão central não é se Janaína pode ou não pode ser criticada, mas sim como ela tem sido cobrada por seu discurso. Chamá-la de louca não pode ser a única via possível de argumentação. Se apontamos que o machismo é estrutural e atinge a todas as mulheres, mesmo que em níveis e características diferentes, porque não incluiríamos Janaína nesse guarda-chuva? A plasticidade do machismo é a principal barreira na busca de uma sociedade mais igualitária para mulheres, pois ele se molda de acordo com cada situação e de maneiras subjetivas.

O machismo não é apenas uma estrutura de poder de homens contra mulheres, mas um sistema de poder sobre corpos, desejos e subjetividades. Afinal, ele é visto como um local de poder, como um espaço de dominação através do qual a docilidade é executada e a subjetividade construída.

E quando falo de poder, não me refiro única e exclusivamente ao poder vertical do Estado. Enfatizo aqui o papel crucial do discurso e sua capacidade de produzir e sustentar formas de dominação. Janaína, no vídeo que circula pelas redes sociais, está distante do que a sociedade entende como uma “mulher normal”, que é dócil, amável, que não levanta a voz e está numa posição de subjugação.

Quando a primeira reação sobre o discurso político de uma mulher é chamá-la de louca, percebemos quais são os desafios para a resistência dos grupos

marginalizados. Esta postura revela como ainda temos privilegiado a experiência da elite masculina em suas concepções de verdade, liberdade e natureza humana.

O discurso de Janaína pode ser perigoso e repleto de ódio, mas o tratamento que ela recebe por ser mulher também se torna perigoso para todas nós. Afinal, você pode ser chamada de louca na próxima vez que discordar de seu amigo numa discussão política.

A individualização das questões políticas, éticas, sociais não deve estar centrada em libertar indivíduos, seja ele Dilma ou Janaína, mas nos liberarmos tanto do Estado quanto do tipo de individualização que a ele se liga.

Acesse no site de origem: [Por que chamar Dilma e Janaína de 'loucas' é um retrocesso para as mulheres, por Aline Ramos \(HuffPost Brasil, 06/04/2016\)](#)

#IstoÉMachismo: Feministas, coletivos e jornalistas repudiam reportagem de capa da revista IstoÉ

(HuffPost Brasil, 02/04/2016) A edição desta semana da revista IstoÉ vem sendo repudiada com veemência nas redes sociais.

Em sua reportagem de capa, intitulada *As Explosões Nervosas da Presidente*, a publicação retrata a presidente Dilma Rousseff como uma autoridade desequilibrada e sem condições emocionais de comandar o país no atual período de crise do governo.

A ISTOÉ desta semana já está no ar. Na reportagem de capa, os surtos de descontrole da presidente Dilma Rousseff diante à iminência do impeachment. Leia em www.istoe.com.br

Publicado por [Revista ISTOÉ](#) em Sexta, 1 de abril de 2016

“A mandatária está irascível, fora de si e mais agressiva do que nunca”, afirma um dos trechos da reportagem. “A medicação nem sempre apresenta eficácia, como é possível notar”, conclui em outro.

[Veja aqui repercussão do ataque da Revista IstoÉ a Dilma Rousseff](#)

No perfil da revista no Facebook, leitores fizeram inúmeras críticas. Um dos comentários com mais curtidas faz a seguinte reflexão:

“(…) Se o presidente fosse homem nas mesmas situações da Dilma, haveria uma matéria como essa? Esse negócio de chamar mulher de louca tá batido já (…) Quantos presidentes, governadores ou executivos gritam, xingam e falam palavrão e ninguém os chamam de loucos, agora porque a presidente é mulher é louca e desequilibrada. Você já assistiu às sessões da câmara dos deputados? Pior circo que aquele não tem.”

Jornalistas, coletivos e grupos feministas criticam a edição por ela reforçar estereótipos machistas nos quais mulheres são descontroladas emocionalmente e, por isso, inadequadas ao exercício do poder político. Em resposta, lançaram nas redes sociais a hashtag #IstoÉMachismo.

Veja alguns tweets que endossam a manifestação de repúdio:

Mulheres = histéricas

Homens = sábios e dotados de dons [#istoémachismo](#)

(imagem by [@renatagames](#)) pic.twitter.com/RHcGn3TBZK

— Barata de Asa (@baratadeasa) [2 de abril de 2016](#)

Não apoiemos tal comportamento, independentemente de posição política. O gaslighting se voltará contra toda e qualquer mulher [#IstoÉMachismo](#) —

Think Olga (@ThinkOlga) [2 de abril de 2016](#)

“desequilibrada” “surtada! Histérica!” “vc tá s condições de comandar uma equipe”

O mesmo silenciamento machista de sempre [#IstoÉMachismo](#)

— Liliane Araujo (@Lili_F_Araujo) [2 de abril de 2016](#)

Todxs sabemos que mandato da Dilma está decepcionante, mas isso não justifica misoginia. Nada justifica misoginia [#IstoÉMachismo](#) — Izabel (@zbelima) [2 de abril de 2016](#)

A capa da ISTOÉ não é só contra a Dilma, mas contra a condição feminina, contra todas as mulheres. [#IstoÉMachismo](#)

— Midia NINJA (@MidiaNINJA) [2 de abril de 2016](#)

Essa capa seria mais procedente viu [@RevistaISTOE#istoémachismo pic.twitter.com/0whcMLjVU5](#) — Stefani Costa (@anfeptram0na) [2 de abril de 2016](#)

No Facebook, entidades feministas também se posicionaram contra a publicação.

Como é o caso do coletivo Think Olga:

Este não é um post sobre política. Este é um post sobre GASLIGHTING, que é uma forma de machismo cruel e pernicioso....

Publicado por [Think Olga](#) em [Sábado, 2 de abril de 2016](#)

Da produção do filme Elena:

A capa da Revista ISTOÉ não é só contra Dilma, mas contra a condição feminina, contra todas as mulheres, contra os...

Publicado por [Elena - the film/ o filme](#) em [Sábado, 2 de abril de 2016](#)

E daUBM (União Brasileira de Mulheres):

Isto É MachismoA União Brasileira de Mulheres repudia veementemente a capa da revista Isto É de 1º de abril de 2016. A...

Publicado por [União Brasileira de Mulheres - SC](#) em [Sábado, 2 de abril de 2016](#)

Amauri Terto

Acesse no site de origem: [#IstoÉMachismo: Feministas, coletivos e jornalistas repudiam reportagem de capa da revista IstoÉ \(HUffPost Brasil, 02/04/2016\)](#)